

A Ceilândia que ninguém quer ver

Luis Turiba 16 ABR 1995

Eu e o fotógrafo Gláucio Dettmar exploramos recentemente a cartografia marginal da Ceilândia, a cidade pioneira. Pisamos aquele chão minado de *malas*, como chamam os quase bandidos, e desempregados.

Por duas semanas circulamos tenso por estreitos becos escuros. Aprendemos a andar em territórios controlados, repletos de olheiros. Terra onde o desemprego é rotina e a malandragem é lei.

Cidade de meninos armados e drogados, mas sempre atentos, com seus bonés de soldados do tráfico da merla, da maconha e da cocaína.

Alguns deles, tão radicalizados com seus azeitados *treizoitões*, totalmente preparados para matar ou morrer.

Nas QNM — Quebec, Nada, Maria — presenciamos o burburinho em cada esquina. O carro seguia lento e vagaroso subindo e descendo enormes quebra-molas.

Rap-pop — De um lado, o movimento. Do outro, uma igreja evangélica. Paradoxo? Nem tanto. A dialética explica. Muitas vezes, a droga é transportada nas próprias bíblias.

Ceilândia recebe diariamente centenas de carros de consumidores de drogas no Plano, dos Lagos Sul e Norte, de Taguatinga. Recebe e “exporta” drogas para Samambaia, Santa Maria e Gama.

Só não vê quem não quer. O ambiente social por lá é nitroglicerina pura. Um bairro negro-latino de Miami, uma área de conflito em Los Angeles, um pedaço de Rondônia.

A polícia, em permanente estado de tensão, exala adrenalina. Soldados trabalham com o dedo no gatilho e o cão puxado.

Diante dessa realidade, fica claro que as celas das delegacias da Ceilândia são espelhos, com grades e sem sol, do mundo exterior.

Soubemos com dias de antecedência, através de uma visita, da possibilidade concreta de um motim na 15ª DP. Estava no ar: 55 homens amontoados em imundos cubículos infectos.

Gláucio Dettmar, portanto, só es-

perava a senha. Como um excelente repórter, esperou o momento. Na hora, o fotógrafo estava lá e bateu o pênalti.

Afirmar que o delegado permitiu a foto é, além de irresponsabilidade, uma piada de mau gosto.

No meio daquele inferno, quem saberia apontar uma autoridade máxima? Coisa de gente bem intencionada, mas extremamente teórica, que não conhece o que é o mundo-cão de uma delegacia pegando fogo.

Delegacia — Meu companheiro Gláucio Dettmar conhece bem o lado escuro de Ceilândia. Sua foto é fruto da experiência. Por isso, ele nos premiou com flagrantes inéditos do motim.

O fotógrafo cumpriu o seu papel com grandeza. A decisão do nosso diretor Ricardo Noblat em publicar a foto na primeira página foi histórica. Afinal, o **Correio** — disse ele — está “vivo, vivíssimo”.

A foto mudou a sorte de milhares de presos. Levou o governador Cristovam Buarque à delegacia. Permitiu um debate sobre o assunto.

Ela não é imoral, não fere privacidade, nem humilha ninguém. Ao contrário. Denuncia a total falta de Direitos Humanos.

Imoral é a situação dos presos e da juventude de Ceilândia. A falta de emprego, de perspectiva e de lazer — isso sim — humilha, e muito, jovens que buscam melhores condições de vida.

Falta de ética é o estado permitir que delegacias de bairros transformem-se em verdadeiros campos de concentração, com presos dormindo através de revezamento e espalhando o vírus da Aids.

Aético é não se levar a sério a segurança pública da capital brasileira, deixando para segundo plano a construção de novos presídios e o reparlamento da polícia.

A foto de Gláucio Dettmar é retrato de uma verdade. Por isso, incomoda. Não esconde o sol atrás das grades, nem aplaca a dor de quem não quer ver nem mudar uma cruel realidade.

■ Luis Turiba é repórter do Correio Braziliense